

Orçamento Primeiro, as flores; depois, o enterro

José Casado *

A festa eleitoral de 1992, quando serão eleitos prefeitos em mais de 4 mil municípios, ainda nem começou de fato. Mas já está custando US\$ 6 bilhões ao bolso dos cidadãos-contribuintes.



É o dinheiro reservado para "obras sociais" no Orçamento Geral da União, a ser votado nos próximos dias, que o presidente da República e os congressistas estão disputando — centavo por centavo.

O governo, sozinho, produziu uma gama de "projetos" — sociais ou não — e espalhou-os de tal forma pelos órgãos da administração direta e indireta, que a um contribuinte qualquer torna-se impossível uma leitura linear do projeto.

Há coisas, no mínimo, estranhas. Por exemplo: a Secretaria de Desenvolvimento Regional vai ter US\$ 11,5 milhões para manter e ampliar um "parque de máquinas" que nem os deputados-relatores conseguiram identificar. Terá, também, mais US\$ 270 milhões para construir estradas e até canalizar um córrego em Campinas (SP).

Já a Secretaria de Assuntos Estratégicos, sucessora do Serviço Nacional de In-

formações (SNI), terá dinheiro para construir hidrelétricas, além de moeda para sustentar o Programa Nuclear Autônomo, aquele com o codinome "Chalana".

Os congressistas entram na briga com nada menos do que 55 mil propostas de emendas ao orçamento. Essas passaram pelo "liquidificador" de um relator e seus 66 "subs" que, evidentemente, fizeram prevalecer o interesse de suas regiões. Tudo pelo "bem do Brasil".

Não há contribuinte-eleitor ingênuo o suficiente para não perceber que se trata da divisão da primeira fatura a ser debitada na conta do povo pela festa eleitoral de 1992.

O problema é que o bolso do assalariado está mais do que esgarçado. E sua perspectiva de manutenção do emprego no próximo exercício fiscal é duvidosa, diante dos sinais de aprofundamento da recessão econômica.

Essa festa, na realidade, tem a cara e o jeito de réquiem para um Estado virtualmente falido.

A brincadeira política sobre o Orçamento de 1992 mais parece uma daquelas antigas malvadezas do pessoal do extinto PSD: primeiro manda as flores, depois se faz o enterro. Já são US\$ 6 bilhões em flores para a semimorta patuléia, choldra, gentalha, massa ignara que trabalha e paga impostos.

* Editor sênior deste jornal.